

PALAVRAS-CHAVE: conto; discurso direto e indireto; elementos da narrativa; figuras de linguagem.

TEXTO GERADOR I

O Caso do Espelho

Era um homem que não sabia quase nada. Morava longe, numa casinha de sapé esquecida nos cafundós da mata.

Um dia, precisando ir à cidade, passou em frente a uma loja e viu um espelho pendurado do lado de fora.

O homem abriu a boca. Apertou os olhos. Depois gritou, com o espelho nas mãos:

— Mas o que é que o retrato de meu pai está fazendo aqui?

— Isso é um espelho — explicou o dono da loja.

— Não sei se é espelho ou se não é, só sei que é o retrato do meu pai.

Os olhos do homem ficaram molhados.

— O senhor... conheceu meu pai? — perguntou ele ao comerciante.

O dono da loja sorriu. Explicou de novo. Aquilo era só um espelho comum, desses de vidro e moldura de madeira.

— É não! — respondeu o outro. — Isso é o retrato do meu pai. É ele sim! Olha o rosto dele. Olha a testa. E o cabelo? E o nariz? E aquele sorriso meio sem jeito?

O homem quis saber o preço. O comerciante sacudiu os ombros e vendeu o espelho, baratinho.

Naquele dia, o homem que não sabia quase nada entrou em casa todo contente. Guardou, cuidadoso, o espelho embrulhado na gaveta da penteadeira.

A mulher ficou só olhando.

No outro dia, esperou o marido sair para trabalhar e correu para o quarto. Abrindo a gaveta da penteadeira, desembulhou o espelho, olhou e deu um passo atrás. Fez o sinal da cruz tapando a boca com as mãos. Em seguida, guardou o espelho na gaveta e saiu chorando.

— Ah, meu Deus! — gritava ela desnorteada. — É o retrato de outra mulher! Meu marido não gosta mais de mim! A outra é linda demais! Que olhos bonitos!

Que cabeleira solta! Que pele macia! A diaba é mil vezes mais bonita e mais moça do que eu!

— Quando o homem voltou, no fim do dia, achou a casa toda desarrumada. A mulher, chorando sentada no chão, não tinha feito nem a comida.

— Que foi isso, mulher?

--- Ah, seu traidor de uma figa! Quem é aquela jararaca lá no retrato?

— Que retrato? — perguntou o marido, surpreso.

— Aquele mesmo que você escondeu na gaveta da penteadeira!

O homem não estava entendendo nada.

— Mas aquilo é o retrato do meu pai!

Indignada, a mulher colocou as mãos no peito:

— Cachorro sem-vergonha, miserável! Pensa que eu não sei a diferença entre um velho lazarento e uma jabiraca safada e horrorosa?

A discussão fervia feito água na chaleira.

— Velho lazarento coisa nenhuma! — gritou o homem, ofendido.

A mãe da moça morava perto, escutou a gritaria e veio ver o que estava acontecendo. Encontrou a filha chorando feito criança que se perdeu e não consegue mais voltar pra casa.

— Que é isso, menina?

— Aquele cafajeste arranhou outra!

— Ela ficou maluca — berrou o homem, de cara amarrada.

— Ontem eu vi ele escondendo um pacote na gaveta lá do quarto, mãe! Hoje, depois que ele saiu, fui ver o que era. Tá lá! É o retrato de outra mulher!

A boa senhora resolveu, ela mesma, verificar o tal retrato.

Entrando no quarto, abriu a gaveta, desembulhou o pacote e espiou. Arregalou os olhos. Olhou de novo. Soltou uma sonora gargalhada.

— Só se for o retrato da bisavó dele! A tal fulana é a coisa mais enrugada, feia, velha, cacarenta, murcha, arruinada, desengonçada, capenga, careca, caduca, torta e desdentada que eu já vi até hoje!

E completou, feliz, abraçando a filha:— Fica tranquila. A bruca do retrato já está com os dois pés na cova!

(Versão de conto popular por Ricardo Azevedo)

Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/leitura-literaria/era-uma-vez-contos.shtml>. Acesso em: 05/06/13.

LEITURA

TRECHO REMOVIDO

QUESTÃO 3

As narrativas de tradição oral são comuns entre os indígenas e os africanos, geralmente, nessas comunidades, a tarefa de contar histórias cabe ao mais velho, aquele que detém o conhecimento e que pode transmiti-las com mais propriedade. Os contos costumam passar de uma geração para outra e se espalham com muita facilidade. Assim, o tempo como o espaço costumam ser indeterminados.

Copie do texto duas expressões que indicam que o tempo em que os fatos acontecem é indeterminado.

HABILIDADE TRABALHADA

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

RESPOSTA COMENTADA:

Nesta questão é importante chamar a atenção do aluno para o fato de que neste tipo de narrativa, o tempo e o espaço é indiferente, aqui o importante é a ação em si, o autor não está muito preocupado em descrever o cenário ou os personagens, essa tarefa cabe ao leitor, que ao ler cria a imagem em sua mente. De acordo com a leitura, o que pode ser determinado é que possivelmente a narrativa tem um tempo de duração de pelo menos três dias. As expressões que indeterminam o tempo nesta narrativa são: “um dia”, “naquele dia”, “no outro dia”.

USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

Hipérbole é uma figura de linguagem que ocorre quando se emprega propositadamente expressões exageradas, como: “Ele chegou morrendo de fome”, “Chorei, um rio de lágrimas”.

Que hipérbole você consegue identificar no texto “O caso do espelho”?

HABILIDADE TRABALHADA

Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

RESPOSTA COMENTADA:

Ocorre hipérbole no trecho “A diaba é mil vezes mais bonita e mais moça do que eu!”. Esta questão permite que o professor introduza as figuras de linguagem de forma leve e inserida no texto. É importante que se frise que esse

recurso é bastante utilizado nos gêneros crônica e conto porque geralmente procuram reproduzir a linguagem oral na escrita. Neste conto específico, pode-se trabalhar ainda a metáfora, a gradação e o eufemismo.

TEXTO GERADOR II

Um Apólogo

Machado de Assis

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia

mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nessa e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava de um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

— Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Texto extraído do livro "Para Gostar de Ler - Volume 9 - Contos", Editora Ática - São Paulo, 1984, pág. 59.

USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 5

Que figura de linguagem é predominante no texto de Machado de Assis?

HABILIDADE TRABALHADA

Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

RESPOSTA COMENTADA

A figura predominante é a prosopopeia, o autor dá a seres inanimados “agulha”, “linha”, “alfinete” características próprias a seres humanos, aproximando sua narrativa das fábulas que continham um ensinamento, uma moral da história.

QUESTÃO 6

No trecho abaixo, identifique o tipo de discurso (direto ou indireto) no conto “Um Apólogo”, de Machado de Assis. Depois transforme-o: se direto em indireto ou indireto em direto.

“Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

— Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!”

HABILIDADE TRABALHADA

Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

RESPOSTA COMENTADA

Esta atividade visa revisar os tipos de discurso estudados no 1º ciclo e comuns tanto as crônicas quanto aos contos. No trecho há o discurso direto. Reescrevendo o trecho, teremos o seguinte: “Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça, que ele também tinha servido de agulha a muita linha ordinária.”

PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 7

Quem conta um conto...

Agora é a vez de você colocar em prática tudo o que aprendeu neste bimestre. Baseando-se nos contos lidos crie uma narrativa em que você ou alguém que você conhece ajudou uma pessoa a sair de uma situação difícil. Conte essa experiência:

- Organizando o texto em parágrafos;
- Utilize o discurso direto;
- Não se esqueça dos elementos da narrativa;
- Atenção a ortografia;
- Faça uso das figuras de linguagem;